



miguilim

revista eletrônica do nefli

volume 9, número 3, set.-dez. 2020

LEITURAS MARGINAIS SOBRE O CENÁRIO PANDÊMICO EM TERRAS COLONIZADAS



MARGINAL READINGS ON THE PANDEMIC SCENARIO IN COLONIZED LANDS

Edinan Damasceno CARVALHO
Joabson Lima FIGUEIREDO

Universidade do Estado da Bahia, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR

RECEBIDO EM 16/06/2020 • APROVADO EM 22/09/2020

DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v9i3.2469>

Resumo

Diante desse horizonte de possibilidades sufocante que se colocou sobre o nosso presente e que a cada dia tem se mostrado mais sombrio, talvez se faça necessário lançar um olhar marginal sobre essa crise que se instalou em nossas vidas. Lemos neste trabalho os poemas publicados, nesse período pandêmico, pelo poeta Ricardo Aleixo na rede social Facebook e que se referem às violências que desde antes do COVID-19 já ansiavam nos impedir de respirar. Neste artigo, tentamos apresentar reflexões sobre as violências anti-negro que, numa tentativa de se fazer mais efetivas, se aliaram a vulnerabilidade que a quarentena tem nos colocado. Além dessa visão sobre a situação que se somou as violências do Estado e aumentou

as chances da nossa morte vir por um caminho que nos rouba o ar, também apresentamos leituras sobre as lutas que tem sido travadas contra tudo o que nos nega o direito a respiração. Para isso, nos apoiamos nas colocações de Achille Mbembe e de Frantz Fanon para produzirmos essa leitura sobre as estratégias que o Estado tem usado para fazer uma maioria de vidas chegarem a um fim prematuro com o intuito de garantir o direito à vida plena a uma determinada parcela da sociedade e como tem se articulado os corpos que resistem as forças de desumanização e de morte. Desse modo, este trabalho apresenta apontamentos sobre como o Estado tem garantido que uma minoria respire enquanto uma maioria sofre com essa situação que se faz cada vez mais sufocante.

Abstract

In the face of this suffocating horizon of possibilities that has been placed on our present and which has been increasingly darker each day, it may be necessary to take a marginal look at this crisis that has taken hold in our lives. We read in this work the poems published, in that pandemic period, by the poet Ricardo Aleixo on the social network Facebook and which refer to the violence that, since before COVID-19, had longed to prevent us from breathing. In this article, we try to present reflections on anti-black violence that, in an attempt to become more effective, have allied with the vulnerability that quarantine has placed on us. In addition to this view on the situation that added to the State's violence and increased the chances of our death coming down a path that robs us of air, we also present readings on the struggles that have been fought against everything that denies us the right to breath. To this end, we rely on the statements of Achille Mbembe and Frantz Fanon to produce this reading on the strategies that the State has used to make a majority of lives come to a premature end with the intuition of guaranteeing the right to a full life for a given part of society and how bodies that resist the forces of dehumanization and death have been articulated. Thus, this paper presents notes on how the State has ensured that a minority breathes while a majority suffers from this situation that is becoming more and more suffocating.

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: Pandemia. Necropolítica. Ricardo Aleixo. Crise.

KEYWORDS: Necropolitics. Ricardo Aleixo. Crisis.

Texto integral

Antes de falarmos sobre o que este artigo pretende falar, nós primeiro cuidaremos “de pedir licença, [...] ao dono da fala” (ALEIXO, 2018, p. 109) que é para ele nos abençoar neste momento em que tentamos comentar sobre a situação do nosso povo preto que no ano de 2020 teve somado um outro caminho que anseia nos levar a morte prematura. Com esse pedido de licença esperamos que o dono da fala nos dê forças e abra caminhos que permitam que falemos sobre o nosso povo que morre “de surto, de bala ou de vírus” (ALEIXO, 2020, s/p). Então, pedimos licença a Exu, o orixá que é o princípio do movimento, aquele que reside a encruzilhada e que é responsável pela comunicação. Laroyê, Exu. Pedimos licença

também aos nossos ancestrs para que eles permitam que as nossas vozes se desdobrem em vozes de outras eras e que elas, dessa forma, pulsem quando no vento, uma palavra jogarmos (ALEIXO, 2018, 110-111).

Imaginamos que além de ter que fazer pedidos de licença às pessoas que nos habitam, devemos pedir licença a você e também as muitas pessoas que o acompanham. Então, pedimos licença a todas as pessoas visíveis e invisíveis que se dispuseram a nos ler neste momento.

Desse modo, após os pedidos de licença, apresentaremos nas linhas deste artigo nossas leituras sobre a produção poética de Ricardo Aleixo na rede social Facebook. Lemos os poemas escritos por ele nesse período de pandemia como textos que parecem caminhar, em alguns momentos, por caminhos que fazem uso das forças que os constituem e que estão ao seu redor para se fazerem capazes de fundar no leitor uma outra leitura sobre o mundo e é claro sobre sua condição nele.

Pensamos que nesse momento pandêmico nos encontramos em uma situação de crise e a crise tal como definiu Peter Pál Pelbart (2013) é um estado em que chegamos a um ponto em que não é mais possível suportar as forças que nos assujeitam, nos rebaixam e nos impedem de alcançar a vida plena. A crise é justamente o instante no qual surge a possibilidade de rejeitar o horizonte que nos apequena, é o instante que nos dá o poder de seguir ou forjar um caminho que nos afasta desse ponto em que estávamos sufocados. A crise é o estado que “nos impele uma outra direção” (PELBART, 2013, p. 34).

Junto com esse pensamento nos surgiu a lembrança de termos assistido uma entrevista em que o poeta Ricardo Aleixo declarou que a sua produção se dá em seus momentos de crise, ele disse:

Não tem nenhum texto meu escrito numa situação que não fosse de crise, de crise mais ou menos aguda. E de todo um modo algo que se relacionasse a questão do ser e estar aqui agora. Na melhor das hipóteses, o poema teria que reverberar essa inquietação pessoal (s/p)

Partindo dessa informação sobre o estado em que o poeta se encontra para conseguir produzir poeticamente, cremos que, *na melhor das hipóteses*, o poema feito em uma situação de crise reproduz essa crise no encontro com os olhos do leitor, ou melhor dizendo, o poema compartilha com o leitor esse estado de crise e assim apresenta a ele um horizonte expandido de possibilidades de existência.

Desse modo, imaginamos que os poemas produzidos pelo eu-lírico de Aleixo nesse período de adversidade tem a talvez função de tensionar os tecidos narrativos hegemônicos que são produzidos nesse momento com a intensão de assegurar a permanência do *status quo* enquanto uma maioria de vidas está sendo assassinada direta e indiretamente pelo Estado. A produção poética de Ricardo Aleixo parece, neste momento, tentar colocar o leitor em um estado que se encontra entre limites e que o faz produzir leituras contra-hegemônicas sobre os

antigos caminhos de morte que se aliaram ao COVID-19 para fazerem mais efetiva a concentração da morte nas margens.

PELE NEGRA, PELE ALVO

Esses caminhos dos quais falamos são as possibilidades de morte que, nessa sociedade racista a qual habitamos, insistem em se fazerem presente em nossas vidas. São caminhos que fazem uma pessoa negra desde antes de seu nascimento já sofrer com as chances de seu fim vir por meio de balas disparadas por policiais que agem a mando do Estado, são caminhos que fazem uma pessoa negra desde antes de seu nascimento já sofrer com as chances de morrer de fome por conta da maneira que a riqueza, as chances de ter educação e as oportunidades de trabalho são colocadas para acesso somente de corpos brancos, são caminhos que fazem uma pessoa negra antes mesmo de seu nascimento temer que seu fim chegue por meio de um policial “que goza a crueldade de manter a sua bota por três minutos” (ALEIXO, 2020, s/p) sobre a sua garganta e mais três minutos sobre o seu corpo morto.

A situação na qual esse vírus nos colocou, além da ameaça de morte por falta de ar, é a de tensionamentos sobre o tecido discursivo que compõem as pilastras que sustentam essa sociedade colonial que foi erguida por meio de violências, que se mantêm de pé através delas e que fará uso dos mais diversos caminhos para que ela se mantenha assim. O eu-lírico do poeta parece declarar que está a par dessa situação e produz uma leitura que ataca as forças hegemônicas que fazem uso de qualquer meio de para impedir que vidas negras vivam.

No Facebook, no dia 25 de maio, o poeta postou um link para o áudio de seu poema *Rondó da Ronda Noturna*. Em nossas leituras, essa postagem se refere ao menino João Pedro Mattos Pinto que foi assassinado por um tiro nas costas que fora disparado pela Polícia Federal do Rio de Janeiro no dia 18 de maio. João Pedro, menino que tinha apenas 14 idades, estava em sua casa seguindo as recomendações do Estado, ele estava em reclusão para evitar contrair o COVID-19. Ele certamente devia estar com medo de morrer por meio de um vírus, mas esse sistema racista, no qual estamos inseridos, não cessa os seus ataques violentos nem por um segundo, nem mesmo durante essa quarentena. O Estado nos diz para ficarmos em casa, pensamos que talvez recomende isso para que conseguir dar fim a nossas vidas com maior facilidade.

O poema *rondó da ronda noturna* também tem uma representação em imagem, nela aparenta ser feita uma pequena lista. O eu-lírico enumera os atributos que socialmente aumentam as chances de uma vida ter seu fim antecipado. O poema tem em sua composição a frase “quando mais pobre mais negro, quanto mais negro mais alvo, quanto mais alvo mais morto, quanto mais morto mais um”. Parece ser passada, nesta frase, a ideia de que as chances de morrer “antes da hora” aumentam ao passo que a vida é negra, pobre e periférica. Essa leitura parece emergir na imagem quando o elemento gráfico que é usado

para ilustrar esse aumento de chances é o símbolo de adição (+), que pode ser lido como a mira de uma arma.

O poema parece então denunciar e alertar a existência desses alvos que perseguem a pele negra e a pobreza. A organização social em terras colonizadas faz do tom de pele e a condição econômica fatores que julgam se uma vida deve ou não ser ceifada pelas mãos daqueles que gozam a impunidade de seus crimes.

rondó da ronda noturna

q uanto +
 p obre +
 n egro
 q uanto +
 n egro +
 a lvo
 q uanto +
 a lvo +
 m orto
 q uanto +
 m orto +
 u m

Figura 1: poema *rondó da ronda noturna*, disponível em: <http://rascunho.com.br/rondo-da-ronda-noturna-de-ricardo-aleixo/>.

Rondó da ronda noturna também nos faz pensar sobre como as forças hegemônicas nos tratam como números, não como vidas. Socialmente é feita toda uma construção narrativa que tenta fazer a nossa existência valer menos. A mídia hegemônica faz, em seus discursos, uma vida negra ser lida como uma vida que tem os seus direitos relativizados quando é colocada em comparação a bens materiais ou a outras vidas que se encontram no centro do poder social e econômico. Assim o Estado consegue nos matar por meio de suas mãos ou botas que se envolvem ou se colocam sobre nossos pescoços, também consegue ceifar nossas vidas por meio das negligências que nos fazem ficar mais vulneráveis ao ataque do vírus e a tantos outros desastres ambientais. Tudo isso acontece por

terem a certeza de que, no âmbito social, quem morre é só mais um, quem morre é um ninguém.

O eu-lírico parece denunciar, numa publicação feita no dia 7 de maio, essa visão de como é insignificante uma vida negra frente aos olhos do Estado. É dito:

Me matam
quando se enganam,

e se não se enganam,
me matam.

Me matam
assim como quem

esmagasse
uma barata – sem

compaixão nem
culpa -, certos de que,

salvo engano, quem
morre ali é ninguém (ALEIXO, 2020, s/p)

É possível dizer que essas forças de desumanização e de morte nos atingem com maior violência desde que esse horizonte sombrio se pôs sobre o ano de 2020 e assim ele revela uma certa desigualdade que se faz presente até mesmo em tempos em que toda a humanidade é refém de uma pandemia. Este horizonte denuncia que em espaços que reinam as violências anti-negro qualquer catástrofe se faz aliada desses projetos que se incomodam com a existência de uma vida negra, seja ela de qualquer idade.

O PIOR DE TUDO

Esse momento pandêmico permite que a morte se faça cada vez mais presente em nosso dia a dia. Uma maioria de vidas teme ser ceifada violentamente pelo vírus ou pelo Estado e enquanto isso a mídia apresenta apenas os números das mortes, que acontecem majoritariamente nas margens, e vende a narrativa de que logo tudo voltará ao normal. No entanto, para a maioria de nós “o pior ainda está por vir” (MBEMBE, 2020, s/p). Nos encontramos em um momento em que

O horizonte, visivelmente, está cada vez mais sombrio. Presa em um cerco de injustiça e desigualdade, boa parte da humanidade está ameaçada pela grande asfixia, e a sensação de que nosso mundo está em suspenso não para de se espalhar (MBEMBE, 2020, s/p)

Acreditamos que é necessário demarcar que a atual situação é decorrente do modo que a hegemonia tem se posto a explorar os recursos minerais, energéticos e biológicos do nosso planeta. É preciso ter a plena noção de quais vidas que tem sido mais atingidas pelas consequências desse descaso com a Terra. Segundo Achille Mbembe (2020), desde que aconteceu a revolução a industrial povos com menor poder social e econômico tem sido colocados nas linhas de produção de que manuseiam com chumbo, fósforo, mercúrio, berílio e fluidos frigoríficos, todos materiais que causam danos respiratórios quando o corpo é exposto com frequência contínua. Os mesmos corpos que são colocados na linha de frente para sofrerem antes da pandemia são os mesmos que agora temem perderem suas vidas por não terem a possibilidade de se isolar.

Isso nos leva a pensar que essas vidas estão constantemente expostas a possibilidade de morte, seja pela violência policial, seja pela exposição de materiais que prejudicam a saúde ou pela exposição ao vírus e diversas outras catástrofes ambientais.

Esta exposição dos pretos e dos pobres ao COVID-19 é resultado de uma forçosa adaptação a essa nova configuração que a sociedade e a economia demandam nessa quarentena. A elite se mantém em reclusão social para evitar contrair o vírus enquanto uma maioria de vidas é posta na linha de frente para tentar manter o padrão de vida desse grupo. São trabalhadores que não foram colocados de fora dessa lista de “serviços essenciais” e com isso falamos sobre as faxineiras, empregadas domésticas, garis, entregadores de serviços de *fast food*, todos que estão na base da pirâmide social e que se vêem entre morrer de vírus ou morrer de fome.

Nós negros e pobres nos encontramos nessa situação em que somos reféns da sociedade racista que, a depender da situação, relativiza a nossa humanidade e o valor da nossa vida. As nossas vidas são reféns desse sistema social que nos coloca em situações de encontros com a morte para poder garantir que a elite continue a viver o seu estilo de vida. Aos olhos hegemônicos já nascemos condenados a morrer em nome de outros que gozam com o nosso sofrimento.

Então nos vemos em uma condição que nos faz sentir que estamos sendo forçados a uma existência penosa. Se não morrermos de bala, morreremos de fome ou morremos de vírus. O eu-lírico parece sentir essa angustia que nos cerca e parece exprimir esse sentimento no poema que aparenta ter o título *De Tudo*, este poema foi postado no Facebook no dia 22 de maio e em minha leitura ele parece exprimir esse esgotamento em que nos encontramos, é dito:

DE TUDO

O pior de tudo

é que já

não é possível

identificar

com precisão

o pior de tudo (ALEIXO, 2020, s/p)

Pensamos que se lançarmos um olhar para o futuro é possível afirmar que para nós não vale essa declaração de que tudo vai ficar bem no pós-pandemia. Mbembe (2020) em seu artigo intitulado *o direito universal à respiração* denuncia que este modo de existir que o capitalismo nos impõe nos levará em breve a outra situação pandêmica que certamente será muito mais violenta que a que estamos a viver. Assim é possível dizer que, para nós negros e pobres, “se ainda houver um dia seguinte [...] ele só poderá ocorrer ao custo de uma ruptura gigantesca, produto de uma imaginação radical” (MBEMBE, 2020, s/p).

A atual conjuntura faz emergir essa *ruptura* e ela se manifesta com violência em um desejo que nos acompanha há mais de 5 séculos. A atual conjuntura faz emergir em nossas vidas negras o desejo de destruição dessa organização social que há mais de 5 séculos nos faz viver uma vida sofrida.

FORMULA MÁGICA DA PAZ

Como dissemos anteriormente, a poética de Aleixo parece, em alguns momentos, tentar levar o leitor ao estado de crise ao apresentar uma outra leitura que vai de encontro com a que é apresentada pela mídia hegemônica. Assim, a palavra poética de Ricardo Aleixo nesse cenário em que nos encontramos talvez nos direcione para a necessidade da produção dessa ruptura no sistema que estruturado por opressões e mantido de pé por elas.

O eu-lírico antes mesmo desse horizonte obscuro se por sobre nossos dias já atacava os discursos que tentam produzir corpos dóceis, ele atacava as instituições que usam “o ensino religioso ou leigo, a formação de reflexos morais transmissíveis de pai a filho, [...] o amor estimulado da harmonia e da prudência” (FANON, 1968, p. 28) para forjarem uma sociedade que é pautada no respeito por essa ordem socialmente estabelecida. O eu-lírico produz violências que são lançadas contra as instituições sociais que “criam em torno do explorado uma atmosfera de submissão e inibição que torna consideravelmente mais leve a tarefa das forças da ordem (FANON, 1968, p. 28).

A produção poética de Aleixo tem parecido revelar que “antes deste vírus, a humanidade já estava ameaçada de asfixia” (MBEMBE, 2020, s/p). Ela parece apontar e levar o leitor a pensar que “se houver guerra, portanto, ela não será contra um vírus em particular, mas contra tudo o que condena a maior parte da humanidade à cessação prematura da respiração” (MBEMBE, 2020, s/p). Dizemos isso por pensar que a palavra poética produzida por uma vida que habita as margens da sociedade assume a talvez função de relatar e denunciar injustiças

socais e os crimes cometidos pelas forças do Estado (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 26-27). Além disso, pensamos que a poesia chega a fundar ou a despertar em uma vida um outro modo de agir frente as forças que lhe violentam e impedem de exercer o direito à vida plena.

A palavra poética de Aleixo parece nos convocar a destruir o mundo tal como ele se configura agora, ela não nos convoca apenas a alterar um pequeno dado na sociedade, ela nos põe a “mudar a ordem do mundo” (FANON, 1968, p. 26) e isto é “um programa de desordem absoluta” (FANON, 1968, p. 26). Esta produção de desordem se dá através do uso da violência contra os intermediários do poder hegemônico. Frantz Fanon (1968) aponta que o colonizado desde seu nascimento tem a noção de que habita um mundo que é estreitado por meio das agressões que limitam a sua existência e esse mundo “não pode ser reformulado senão pela violência absoluta (p. 27).

Nesse momento de crise, tem acontecido diversas manifestações que aparentam surgido do desejo de dar fim a essa organização social que nega e apaga a nossa existência para garantir os direitos de um pequeno grupo que parece gozar com o nosso sofrimento. Um dos casos que ganhou visibilidade na mídia foram as manifestações que aconteceram na cidade de Minneapolis, Estados Unidos da América. As manifestações se iniciaram quando George Floyd, um homem negro, foi assassinado por um policial que o asfixiou com uma bota que pressionou o seu pescoço por mais de oito minutos.

Surge disso uma talvez descomunal correnteza de rupturas que parecem se dispor a produzir uma outra realidade e para que isso aconteça faz uso de todos os meios para que no decorrer da invenção dessa outra realidade seja eliminado tudo o que mantém essa relação de opressor e oprimido.

As vidas que são tratadas como engrenagens que sustentam o sistema social em terras colonizadas parecem perceber que a sua vida não tem valor algum para essa organização, elas parecem perceber que a sociedade “não é uma máquina de pensar, não é um corpo dotado de razão. É a violência em estado bruto e só pode inclinar-se diante de uma violência maior” (FANON, 1968, p. 46). As vidas negras, pobres e periféricas que são alvos constantes dos intermediários do poder hegemônico passam a ter uma certa noção de que a única maneira de deter o poder do Estado é passando a agir como um instrumento de violência que é oposto a outros instrumentos de violência.

Este uso da violência se justifica por ter como desejo proteger a todos que estão ao seu redor, dado que as violências hegemônicas atingem as vidas de todas as idades, do zero aos cem anos uma vida negra, pobre e periférica é refém do Estado que mata direta e indiretamente. O eu-lírico parece sentir que, independente da idade, uma vida negra é tratada como inimiga, uma vida negra, aos olhos do Estado é uma vida que deve e pode ser tomada a qualquer instante.

No dia 4 de junho, foram feitas duas publicações no perfil do Facebook do poeta e que aparentam se referir a morte do menino Miguel Otávio Santana da Silva que teve seu fim antecipado por causa da negligência da empregadora de sua mãe que irritada com o choro da criança a colocou sozinha no elevador. Miguel

acabou chegando a um andar em que não havia proteção e ao avistar a sua mãe na rua correu para chama-la e caiu do nono andar do prédio.

As publicações parecem compartilhar as dores e revoltas que o eu-lírico sentiu ao receber a notícia de que mais uma criança foi assassinada pela indiferença que a elite, o Estado e sociedade tem quando o assunto são vidas negras. As palavras escritas pelo poeta parecem gritar:

ONDE SE LÊ NINGUÉM, LEIA-SE NOIZ

Vamos acabar com a vida.
Madame não gosta que ninguém viva.

ONDE SE LÊ NINGUÉM, LEIA-SE MIGUEL

Vamos acabar com a vida.
Madame não gosta que ninguém viva (ALEIXO, 2020, s/p)

Essa é uma dor que dói em todos nós por sabermos que o caso do menino Miguel não foi a primeira e que talvez não será a última vida a ser ceifada pela sociedade racista a qual habitamos. Essa dor é o que movimenta a realização do desejo de dar fim a tudo o que permite que nossas vidas sejam tomadas por mãos que lucram e gozam com nossos sofrimentos.

É essa dor que nos faz romper com as limitações que são colocadas em nossas vidas para nos fazer corpos dóceis, essa dor nos faz romper com esse limite foi colocado pra nos impedir de ter acesso as vias que nos dariam a possibilidade de contra-atacar quem tenta nos matar “como quem esmagasse uma barata – sem compaixão nem culpa –” (ALEIXO, 2020, s/p).

A realização do desejo se manifesta e com ela surgem diversas manifestações que são pelo fim das violências anti-negro que parecem não cessar em nenhum momento e que a depender da situação se faz mais presente e mais agressiva. Assim a vida que até este momento era refém acaba por produzir um excesso de força para fazer sofrer e fazer morrer quem durante séculos tem nos negado o acesso ao direito ao exercício da vida plena.

No dia 30 de maio, Ricardo Aleixo publicou um pequeno poema que parece ter surgido dos diversos questionamentos da mídia hegemônica sobre a credibilidade que as manifestações que exprimiam a revolta do povo negro por conta do assassinato de George Floyd e de tantas outras vidas negras. Os questionamentos seguiam quase a mesma temática: os negros querem o fim da violência, mas fazem uso dela para denunciar a violência que sofrem, “isso é a coisa certa a fazer?”. O eu-lírico de Aleixo parece responder se isso é certo ou não quando faz um trocadilho com a sua deficiência visual, ele diz:

É mentira que eu quero ver branco racista
morrer sufocado por alguma bota calçada por

um mano meu ou mana minha. Como eu sou tecnicamente cego, só vou tirar os óculos, enquanto se faz “a coisa certa”. Quero nem ver. (ALEIXO, 2020, s/p, grifos do autor)

A poética de Aleixo de certo modo alerta que estamos a atravessar um momento em que a situação parece estar ficando tão preta, mais tão preta que nada mais conseguirá passar em branco.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos dói ter que dar fim a um texto que fala sobre dores, lutos e lutas. Dói porque o sentimento continua a nos violentar após ter dado escrita como finalizada, nos violenta essa sensação de que a qualquer momento podemos passar a fazer parte dos números de mortos que crescem de maneira exorbitante desde o maldito dia em que o homem europeu pisou seus pés em terras fora do seu continente, nos violenta essa sensação de que nossos corações talvez nunca terão chances de se recuperar das dores causadas pelos assassinatos de pessoas pretas.

Imaginamos que, assim como disse Ricardo Aleixo (2020) numa publicação feita no dia 7 de maio, quem tem acesso a palavra nos dias de hoje no nosso Brasil tem a talvez principal função de não deixar que o nosso povo seja reduzido a números da necroestatística, escrever sobre os nossos mortos é uma maneira de honrá-los. Desse modo, fazemos deste texto um modo de horar aqueles que foram assassinados pela sociedade racista que faz com que nossas vidas negras sejam ameaçadas constantemente de serem ceifadas por mãos que nos matam por terem a certeza que esses assassinatos irão sofrer qualquer tipo de punição.

Então nós palavreamos neste texto numa tentativa de dar nome aos mortos para que eles não se resumam a mais meros corpos que caíram diante da mira do Estado genocida. Neste texto palavreamos por Joel Conceição Castro, menino de 10 anos que morreu por conta de um tiro que acertou seu rosto quando ele estava se preparando para dormir, o tiro foi disparado de uma arma de um Policial Militar da Bahia; palavreamos por Pedro Gonzaga, que tinha 19 anos foi asfisiado até a morte por um segurança de supermercado; por Marcos Vinícius que morreu aos 14 anos enquanto ia para escola e foi atingido por um tiro disparado pela Polícia Militar do Rio de Janeiro; por Agatha Felix que tinha 8 anos quando foi morta com um tiro nas costas disparado pela Polícia Militar; por todos que não tivemos como nomear neste texto e por nossos amigos de infância e adolescência que foram assassinados por policiais que gozam a crueldade de nos roubar a vida.

Palavreamos por todos que tiveram suas vidas roubadas, palavreamos por aqueles que não tiveram nem ao menos a possibilidade de se despedirem.

Referências

ALEIXO, Ricardo. *Pesado demais para a ventania*. São Paulo: todavia, 2018.

ALEIXO, Ricardo. Ricardo Aleixo. *Facebook*, 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/jaguadarte.ricardoaleixo>. Acesso em 05 de jun. de 2020.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. O que é uma literatura menor? In: DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Kafka: por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968.

MBEMBE, Achille. O direito universal à respiração. *n-1 edições*, 2020. Disponível em: <https://n-1edicoes.org/020>. Acesso em 10 de jun. de 2020.

PELBART, Peter Pál. *O avesso do niilismo: cartografias do esgotamento*. São Paulo: N-1 edições, 2013.

Sempre um Papo - Ricardo Aleixo. Sempre um Papo. *Youtube*. 13dez2013. 72min00s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BlF2aZ3OF1A&t=1985s>. Acesso em 03 de mar. de 2020.

Rondó da Ronda noturna. *Rascunho*. Disponível em: <http://rascunho.com.br/rondo-da-ronda-noturna-de-ricardo-aleixo/>. Acesso dia 11 de jun. de 2020.

Para citar este artigo

CARVALHO, Edinan Damasceno; FIGUEIREDO, Joabson Lima. Leituras marginais sobre o cenário pandêmico em terras colonizadas. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli, Crato*, v. 9, n. 3, p. 319-330, set.-dez. 2020.

Os autores

Edinan Damasceno Carvalho é graduando em Licenciatura em Letras Vernáculas na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus XVI – Irecê – BA.

Joabson Lima Figueiredo é professor na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus XVI – Irecê. Doutor em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia.